

Arquitetura em debate

Revista late conversou com os sócios José Galbinski e Durval Moniz sobre os projetos arquitetônicos do clube

Em meio ao nascimento da nova capital, Juscelino Kubitschek de Oliveira idealizou o late Clube de Brasília. E, juntamente com a cidade, o clube cresceu e em muito se assemelhou à capital. A pequena cidade chamada late, com 160.000 m², recebe em seu campus anualmente cerca de 592 mil pessoas. Para falar um pouco sobre a história da arquitetura de nosso clube, convidamos o doutor José Galbinski, membro da comissão de arquitetura do late, e o vice-diretor de Arquitetura, Durval Moniz.

Galbinski nasceu em Porto Alegre e formou-se em 1957 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduado no MIT, PhD em Cornell, fez pós-doutorado na Hunter College, em

Nova York. Mudou-se para Brasília em 1968 e hoje é o coordenador do curso de arquitetura do UniCeub, após ter passado 25 anos como professor titular da cadeira de arquitetura na UnB. Sócio benemérito do clube, assinou várias obras em Brasília e no late, como o Memorial do Milênio e o Pavilhão da Náutica.

Durval Moniz, arquiteto há 23 anos, formado pela Universidade de Brasília e ex-aluno do doutor Galbinski, está à frente da Diretoria de Arquitetura do late e é o principal responsável pelo projeto do Espaço Multifunções. Na entrevista, um encontro de gerações e uma visão da arquitetura latista sob os pontos de vista de dois sócios apaixonados pela profissão e pelo late Clube de Brasília.

O senhor foi responsável por vários projetos importantes dentro do late. Como surgiu essa parceria e em que foram baseados os trabalhos?

José Galbinski - Vim para Brasília em 1968 a convite do reitor da UnB para reabrir a faculdade de arquitetura que estava fechada. Em meados de 1971, vim para o late como sócio atleta. A partir daí começou essa parceria. Um dos primeiros trabalhos foi o Pavilhão da Náutica, que surgiu por uma solicitação de um grupo liderado pelo doutor Carlos Ramos. No local, havia uma colina que tinha sido formada por um depósito de entulho, de demolições. Então, ele sugeriu aquele lugar e eu fiz o projeto. Eles queriam um bar, mas eu disse que seria um pavilhão e o bar seria um dos lugares do novo setor. Ali nascia um local para congregação náutica. Com esse projeto ganhei o primeiro lugar do concurso nacional da Brasilit, por ter usado um determinado tipo de cobertura. Outro projeto que fiz e considero o mais importante para o late, surgiu de uma parceria com Eduardo França e Leila. Fizemos o Plano Diretor do late, que se transformou numa referência muito importante, pois criou o zoneamento de funções e algumas normas para o clube. Um bom exemplo foram as normas de preservação da orla. Quando se fala em construções novas, o Plano Diretor sempre vem à mente. Uma outra obra que fiz, em 1999, às vésperas do ano 2000, foi o Memorial do Milênio. A pedido do comodoro Ennius, colocamos o nome de todos os sócios numa placa em aço escovado. Todos os trabalhos foram e são baseados no bem-estar do quadro social.

Qual o projeto mais gratificante?

José Galbinski - Tenho orgulho de ter participado da criação e construção do Pavilhão da Náutica. Esse projeto correspondeu a uma virada da minha visão de arquitetura. Até então, eu era um arquiteto modernista. Houve uma fase da minha vida em que deixei o modernismo e passei para uma das correntes do pós-modernismo e fiz três projetos: o Pavilhão da Náutica foi o primeiro, a Casa Thomas Jefferson do Lago Sul e a minha casa. Foram três obras que foram feitas dentro de um período de três anos, com os mesmos materiais e os mesmos pensamentos. Elas marcam um momento da minha vida profissional.

O senhor teve o privilégio de acompanhar a evolução estrutural do late. Como era a orientação da arquitetura no início e como está hoje?

José Galbinski - O late sempre teve a sorte de ter uma orientação muito boa no sentido da arquitetura. São obras de bom nível. Não temos tombamento no late, mas a antiga Sede fiz questão de tomar simbolicamente. Ao fazer o Plano Diretor, destaquei a obra da antiga Sede Social, de autoria do arquiteto carioca Sérgio Rodrigues, que na época fez várias construções em Brasília, utilizando a madeira pré-moldada. Hoje, se não me engano, só existem duas: uma residência na QI 28 e a antiga Sede Social do late. A residência está bem conservada e essa do late foi mantida. É claro que passou por algumas reformas, mas a estrutura foi preservada. Desde o início até os dias de hoje, criou-se uma mentalidade coletiva. Cuidamos do nosso patrimônio. Temos arquitetos dentro do late cuidando de cada detalhe. A comissão de orçamento cuida dessa parte também. Não é uma questão individual.

Há o envolvimento e a participação de várias pessoas. O late evoluiu positivamente nesse sentido.

Ao longo de seus quase 49 anos, o late e a Capital Federal sofreram grandes transformações que talvez não estivessem nos planos de seus fundadores. O senhor acha que essas mudanças foram benéficas?

José Galbinski - Sim. Isso aqui é o late Clube. Você vai a Porto Alegre e diz - 'vou ao late'. Chega lá, só tem atividade náutica. Tem gente que vem de fora e quando chega aqui pergunta: O que é isso? É um late Clube? Aqui em Brasília, quando foi feito o late, não tinha escolha. Tinha gente de toda parte do Brasil. Então, era preciso diversificar para que pudesse ser um clube. O late tem uma característica de diversidade que é remota à história de Brasília. Ele cresceu junto com a cidade. É diferente de Recife, do Rio de Janeiro. O late foi um clube que teve inteligência de se adaptar a uma circunstância e não enrijecer.

Atualmente, o senhor é presidente da Comissão de Obras do late. Como é esse trabalho de avaliar as novas obras que serão feitas no late?

José Galbinski - É um trabalho fácil. Contamos com o apoio irrestrito da Comodoria e do Conselho Deliberativo. Então, tudo que decidimos é tranquilo. Existe um senso comum no late. Há

“Os projetos nascem das necessidades e dos anseios do quadro social. Um sócio tem uma ideia e se junta com os amigos, que começam a melhorar o projeto. Isso vai criando novos adeptos. Daí surge a necessidade de novos espaços ou de uma prestação de serviços que vai demandar um espaço adequado”. Durval Moniz



25 anos, teria uma disputa por poder. Hoje, o que a comissão fala é levado muito em consideração. Isso porque existe uma mentalidade. Existem pessoas e profissionais envolvidos.

Recentemente Brasília se viu envolvida em uma polêmica com o projeto da Praça da Soberania, desenvolvido por Oscar Niemeyer. Na opinião dos senhores, como esses conflitos devem ser tratados? Aqui no late já vivemos situações assim?

José Galbinski – Esse tipo de discussão levantada pelo Correio Braziliense é a realidade do late. Todas as obras propostas passam pelo Conselho, que não é formado apenas por arquitetos. Todos falam e opinam. O que aconteceu com o projeto proposto por Niemeyer em Brasília é necessariamente o que ocorre sempre que existe uma ideia de construção aqui. É uma conversa franca, sem agressão. Nós fazemos as nossas sugestões sempre que um arquiteto faz uma proposta. Em Brasília, foi um caso excepcional porque a população não estava acos-

“O late sempre teve a sorte de ter uma orientação muito boa no sentido da arquitetura. São obras de bom nível. Não temos tombamento no late, mas a antiga Sede fez questão de tombar simbolicamente. Ao fazer o Plano Diretor, destaquei a obra da antiga Sede Social, de autoria do arquiteto carioca, Sérgio Rodrigues”.
José Galbinski



tumada a analisar, a se manifestar sobre as obras do grande mestre. A discussão foi muito boa. Mais de quatro mil pessoas se manifestaram no site do Correio. Isso mostra que foi algo interessante que terminou de uma forma surpreendente. Isso porque o Niemeyer, ao encerrar a discussão do monumento, abriu uma questão muito importante: o tombamento. Ele colocou esta questão para ser discutida. Isso valeu tudo.

Durval Moniz – As obras do arquiteto Oscar Niemeyer sempre foram polêmicas. Os projetos dele são do tipo ou ama ou odeia. Então, sempre foram palco de discussão. Esta obra, exclusivamente, saiu um pouco da área que atuam os profissionais por estar em um local onde atua a população. Então, foi uma discussão que mexeu com a cidade, que chegou aos jornais. Aqui no late isso acontece constantemente. A área da Pérgola é sempre palco de discussões e de questionamentos. Com esses debates crescemos, amadurecemos e aprimoramos as ideias para o nosso clube.

O late Clube de Brasília pode ser considerado uma pequena cidade que está sempre evoluindo e essa evolução precisa ser planejada. Como nascem todos os projetos e de que forma são executados?

Durval Moniz - Os projetos nascem das necessidades e dos anseios do quadro social. Um sócio tem uma ideia e se junta com os amigos, que começam a melhorar o projeto. Isso vai criando novos adeptos. Daí surge a necessidade de novos espaços ou de uma prestação de serviços que vai demandar um espaço adequado. Às vezes, começamos em um lugar pequeno e com o crescimento é necessária uma adaptação constante para atingirmos o padrão de qualidade que o late está acostumado. Ao abraçar determinado projeto, a Comodoria o encaminha ao Conselho Diretor e este cria as comissões, entre elas a de obras, que vai analisar a ideia, o orçamento. Existe todo um procedimento que vai crescendo ao longo do processo. Essas são as bases para ter um produto final de qualidade.

O Espaço Saúde foi sem dúvida um grande desafio. Como se desenvolveu esse projeto?

Durval Moniz - O Espaço Saúde abrange três áreas bastante utilizadas pelo quadro social: a Academia, a Sauna e o Instituto de Beleza. Esses dois últimos cresceram bastante ao longo dos últimos anos e num espaço muito antigo. Foram feitas várias alterações no espaço anterior. Entretanto, ele já não estava mais atendendo satisfatoriamente. Até mesmo pela qualidade das atividades. Além disso, a antiga instalação fica numa área do clube que não se pode mais fazer intervenção. Está situada na faixa de proteção dos 30m. Então, a solução seria procurar um outro espaço mais adequado. Isso tudo levando em consideração o Plano Diretor feito pelo doutor Galbinski. Na academia, a mesma coisa. Ela começou com poucos alunos, onde hoje funciona a sala de estudos. Isso foi crescendo e ganhou um outro espaço. Quando foi pensado em construir uma academia, já tínhamos 350 alunos. Daí surgiu a criação do Espaço Saúde, em uma área do clube pouco utilizada. Quando chegamos a isso, a academia já contava com 800 alunos. Com a finalização do estudo da obra, já tínhamos 1.300 alunos. Hoje, sete meses após o início das atividades, já temos 2.000 sócios frequentando a academia. Do projeto à conclusão, houve várias alterações. Chegamos ao padrão de qualidade de uma das melhores academias de Brasília.



“Você vai a Porto Alegre e diz vou ao late. Chega lá, só tem atividade náutica. Tem gente que vem de fora e quando chega aqui pergunta: O que é isso? É um late Clube? Aqui em Brasília, quando foi feito o late, não tinha escolha. Tinha gente de toda parte do Brasil. Então, era preciso diversificar para que pudesse ser um clube”.
José Galbinski

A previsão é de que em outubro o quadro social receba mais uma grande obra. O Espaço Multifunções atenderá uma antiga reivindicação do quadro social. Como foi a concepção desse projeto?

Durval Moniz - As necessidades dos sócios não têm limites. Nós temos um limite físico dentro do late Clube. De acordo com o Plano Diretor, o único lugar que poderíamos crescer sem impactar, seria o local da antiga academia. Lá já estava pavimentado, nenhuma área verde do clube seria prejudicada. Para desenvolver o projeto do Espaço Multifunções não está sendo retirado nenhum metro quadrado de grama. Pelo contrário, ainda será colocado um jardim ao longo dele. Então, estamos ampliando a área verde. Estamos aumentando, mas verticalmente. Vamos ofertar um espaço que vai oferecer várias atividades, quadras de squash, que era uma reivindicação antiga, banheiros para melhor atender aos usuários da náutica e do tênis. Ao longo do ano, temos vários atletas em competição no clube, então teremos uma área de alojamentos. No dia-a-dia, muitas outras atividades, cursos, treinamentos, projeção de filmes, salão de jogos e espaços diversos.

Quais os desafios enfrentados na arquitetura atual do late?

Durval Moniz - Um dos grandes desafios é manter a qualidade dos serviços. O quadro de funcionários é excelente. Então, tentamos manter um padrão de manutenção para não deixar cair a qualidade dos serviços. Temos ainda o problema dos espaços,

pois com o aumento de determinada atividade, necessitamos de áreas maiores e adaptadas. Por isso, pensamos em todas as soluções sabendo que precisamos respeitar a limitação física do clube. Outro grande desafio é atender o gosto do nosso eclético quadro social. Em cada projeto, tentamos fazer o melhor, sempre com o objetivo de agradar a maioria.

E o futuro? Quais as perspectivas para o nosso clube?

Durval Moniz - Que o late continue crescendo dentro do mesmo padrão de qualidade, respeitando sempre o meio ambiente e cultivando a área verde, que sem dúvida alguma é uma das mais bonitas da orla do Lago Paranoá. Outro ponto é a questão automóvel versus meio ambiente. Temos hoje 650 vagas para atender os dias de sol. Este é um ponto de conflito. Queremos resolver o contingente de carros, sem prejudicar o clube. Esse é um desafio para o futuro. Os filhos dos associados crescem e adquirem carro na faixa dos 18 aos 20, quando eles continuam como dependentes. Com isso são mais carros que entram. O late, em alguns momentos, enfrenta o mesmo problema que Brasília enfrenta. Precisamos criar soluções para essa questão, que já está refletindo no dia-a-dia do clube.

“Para desenvolver o projeto do Espaço Multifunções não está sendo retirado nenhum metro quadrado de grama. Pelo contrário, ainda será colocado um jardim ao longo dele. Então, estamos ampliando a área verde”.
Durval Moniz

